



## O 18 de Brumário de Michel Temer

Franco Maximiliano Rodriguez Migliarini <sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo visa apontar para os paralelismos de dois momentos históricos separados por um período de tempo de mais de 160 anos, a saber, a ascensão de Napoleão III na França —ator político que será lembrado historicamente não apenas como uma má sombra do seu grande tio, mas também por ter caído na armadilha de Bismark e, em poucas semanas de guerra mal executada, ter entregado o poder da França à coroa prussiana— e a ascensão de Michel Temer —que será lembrado como aquele que passou de “vice decorativo” a fantoche escolhido por uma direita nacional de tradição golpista e pouco disposta a aceitar as regras básicas da democracia representativa. Nele, pretendo principalmente observar como, em ambos os casos, o que levou esses homens a exercer o poder executivo de seus países não foram exatamente as condições para ocupar o cargo, mas, antes, a conjuntura política de dois países em que a luta de classes atravessava —e ainda atravessa, no caso brasileiro— um momento crítico.

**Palavras chave:** Michel Temer, Napoleão III, Golpe de Estado, Impeachment.

## El 18 de Brumário de Michel Temer

### Resumen

El presente artículo pretende apuntar para los paralelismos de dos acontecimientos históricos separados por un período de tiempo de más de 160 años, a saber, la ascensión de Napoleón III en Francia —actor político que será recordado históricamente no apenas como una mala sombra de su gran tío, sino también por haber caído en la trampa de Bismark y, en pocas semanas de guerra mal ejecutada, haber entregado el poder de Francia a la corona prusiana— y la ascensión de Michel Temer —quien será recordado como aquel que pasó de “vice decorativo” a fantoche escogido de una derecha nacional de tradición golpista y poco dispuesta a aceptar las reglas básicas de la democracia representativa. En él, pretendo principalmente observar cómo, en ambos casos, lo que llevó a esos hombres a ejercer el poder ejecutivo de sus países no fueron precisamente sus condiciones para ocupar el cargo, sino la coyuntura política de dos países en los cuales la lucha de clase atravesaba —y aún atraviesa, en el caso brasileño— un momento crítico.

**Palabras llave:** Michel Temer, Napoleón III, Golpe de Estado, Impeachment.

## Michel Temer's Brumaire 18

<sup>1</sup> Formado em Filosofia (UDELAR, Uruguai), mestre em Filosofia (UFSC), e doutorando em Filosofia Política (UFSC). Sua pesquisa atual está focada nas eventuais tensões normativas (Ética, Moral e Justiça) na obra de Karl Marx.

## Summary

The paper points to a parallelism between two historical events separated by one hundred and sixty years. Those events are the rise in France of Napoleon III —a political actor who might be historically remembered not only as a mere emulator living under his uncle's shadow, but also by the fact of being the victim of Bismarck's trap that, after a few weeks of poorly fought war, led to the surrendering of France to the Prussian crown— and the rise of Michel Temer —who will be remembered as the one that passed from being a “decorative vice-president” to being the puppet chosen by the national right parties that have always been characterized by a history of supporting coups d'etat and by a poor disposition to accept the basic rules of representative democracy. In this paper I mainly try to point how in both events the reason that lead these two characters to exert the executive power in their respective countries had nothing to do with their personal capacities to assume this role, but mainly, and beyond any other consideration, with the political conjuncture of their countries in which the class struggle was passing —and, in the Brazilian case, is still passing — through a critical moment.

**Key words:** Michel Temer, Napoleon III, Coup d'état, Impeachment.

*“A revoluções burguesas como as do século XVIII precipitam-se rapidamente de sucesso em sucesso, um efeito dramático é suplantado pelo próximo, pessoas e coisas parecem refulgir como brilhantes, respira-se diariamente o êxtase; porém, elas têm vida curta, logo atingem o seu ponto alto e uma longa ressaca toma conta da sociedade antes que, novamente sóbria, aprenda apropriar-se dos resultados do seu período impetuoso e combativo”.*

(MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. p. 30-1).

## 1 Introdução

Desde 2013, o Brasil vive num clima de profunda instabilidade política. No começo de junho daquele ano, pouco mais de mil estudantes paulistas decidiram se reunir em algumas praças da capital do Estado para reclamar pelo anunciado aumento de 20 centavos de real do boleto do transporte público. Coisa tola, em termos relativos. Em condições políticas normais, aquele grupo de jovens portando um ou outro cartaz contra a injustiça da política do prefeito não passaria de mais um dos tantos movimentos de grupos “golfinho”, os quais saem das profundezas para fazer “suas gracinhas” tão somente por um instante e, logo depois, perder seu minuto de fama na imprensa brasileira para, assim, voltar à invisibilidade. Mas acontece que, dessa vez, esse grupo minúsculo veio fazer suas graças no marco de um país que, além de possuir historicamente níveis aberrantes em matéria de distribuição de renda, vinha saindo, junto com os outros países sul-americanos, de um período econômico favorável que, entre

outras coisas, contribuía para apaziguar as tensões entre os setores dominantes da sociedade e uma classe trabalhadora dita classe média. Foi nesse quadro que, literalmente, de um dia para o outro, ao longo do Brasil todo, aconteciam protestos de rua, muitos deles, de mais de 100 mil pessoas<sup>2</sup>. Foi dessa forma que, em 2013, inaugura-se este novo período de instabilidade política no qual ainda estamos surfando. Algum tempo atrás eu comentava:

[A]pós os eventos de março de 2015, dos quais o Fora Dilma foi o mais significativo, [...] cabe acreditar que, da mesma forma em que hoje não analisamos a *Tomada da Bastilha* de forma isolada, mas englobando esse evento num processo político mais abrangente, ao que chamamos de “Revolução Francesa”, dentro de poucos anos as manifestações de 2013 serão analisadas num processo mais amplo que se estenderá, pelo menos, até 2015 (RODRÍGUEZ 2017, p 23).

Escrevi essa passagem na segunda metade de 2015 e, em função disso, naquele momento não era possível considerar as manobras políticas que ocasionaram o afastamento de Dilma Rousseff na metade de 2016. Tampouco era possível considerar a grande virada de casaca da Globo, a qual passou, faz algum tempo, a afirmar que o projeto de Michel Temer é insustentável, nem uma Lava Jato que parece ter dado sinais de ser uma verdadeira história sem fim, revelando casos de desvio milionários de dinheiro realizados por políticos em parceria com magnatas do setor privado. Contudo, no presente (novembro de 2017) me atrevo a dizer que o processo de instabilidade política que começou de forma acidental em junho de 2013 vai se estender pelo menos até final de 2018, quando estariam previstas as próximas eleições presidenciais. Por esses motivos, meu objetivo neste presente trabalho não é retornar ao que escrevi algum tempo atrás, isto é, versar sobre aquilo que, aludindo ao “Maio Francês”, chamei de “Junho Brasileiro” (RODRÍGUEZ, 2017, p. 23). Nesta ocasião, retomo a discussão em que terminava a anterior para, dessa forma, partindo de 2013, chegar ao golpe de 2016 de uma verdadeira quadrilha Temer e seus desdobramentos.

Como o título do meu artigo antecipa, proponho no presente trabalho salientar para os pontos em contato que a ascensão de Michel Temer guarda com a ascensão ao poder de Napoleão III, primeiro presidente da Segunda República Francesa e posterior imperador de uma França do século XIX. Dessa forma, pretendo mostrar como duas pessoas que a história lembrará com repúdio conseguiram se aproveitar da ebulição social e de momentos de instabilidade política para, assim, escalar até o máximo cargo executivo dos seus respectivos países.

<sup>2</sup> O número de pessoas que participaram das manifestações é difícil de calcular e existem diferentes versões sobre uma cifra aproximada. Um dos principais motivos é que em cidades como São Paulo, houve mais de uma manifestação. Segundo a professora Gohn (2014, p. 8), o número de manifestantes foi de mais de dois milhões.

Finalmente só me resta agradecer de forma especial a Karl Marx pelo seu brilhante marco teórico referencial, o qual me acompanhou de forma ininterrupta ao longo da escrita deste texto.

## 2 A ascensão de Bonaparte ao poder

Marx começa *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* com seu famoso parágrafo:

Em alguma passagem de suas obras, Hegel comenta que todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Caussidière como Danton, Louis Blanc como Robespierre, a Montanha de 1848-51 como a Montanha de 1793-95, *o sobrinho como o tio* (MARX, 2011, p. 25 grifo meu).

Desde o início do texto Marx deixa claro qual é o perfil de Luís Bonaparte: ele não passa de uma cópia do seu tio e, em 1852, reproduzirá como farsa o dia 9 de Novembro de 1799, data na qual Napoleão Bonaparte, rompendo até com o protocolo de ser coroado imperador pelo Papa, se autodeclara Imperador da França. Esse cover rebaixado do grande Napoleão já tinha realizado duas tentativas de golpe mal sucedidas. A primeira em 1836 em Estrasburgo e a segunda em 1840 desde uma Bolonha nas mãos do Papa. Como Marx salienta, “[o] Golpe de Estado foi sempre ideia fixa de Bonaparte [...] mas era tão fraco que sempre acabava desistindo dela” (MARX 2011, p. 129, grifo meu). Mas a vida ainda guardaria uma grande surpresa para Bonaparte, porque mesmo quando o mérito da celebridade não é nem de perto suficiente para a realização de grandes façanhas, às vezes a conjuntura na qual ela vive pode lhe dar a chance de se sobressair tal como ela tanto almeja.

A Revolução Francesa de 1789, mesmo tendo sido capitaneada pela classe média da França, provocou a ascensão da burguesia na disputa pela condição de classe dominante na França feudal de Luís XVI. No entanto, pese a que, no final desse século, vários milhares de franceses passaram pela guilhotina, entre eles muitos aristocratas, a era do terror de Robespierre não conseguiu matar todos e cada um das grandes Casas do país. Como resultado, desde a ascensão do poder de Napoleão até o ano 1848, dois escudos disputaram e se alternaram no poder. Por tal motivo, o poder político e econômico da França da primeira metade do Século XVIII estava dividido entre *legitimistas* e *orleanistas*. Os primeiros eram os Bourbons, dinastia de Luís XVI que tinha perdido a coroa para as mãos da revolução. A restauração veio acontecer só em 1815, com o fim da ameaça napoleônica. Eles, ainda no século XIX, repre-

sentavam os interesses do latifundiário<sup>3</sup>. Os segundos apoiavam a hegemonia do capital financeiro nas mãos da Casa Orleans. Encabeçaram a revolução de 1830<sup>4</sup> que coroaria a Luís Felipe, o último rei da França. Esses dois grandes brasões tiveram de alternar o exercício do poder desde 1815. No entanto, após a revolução francesa de 1848 que proclamaria a Segunda República Francesa (e a qual operaria como faísca disparadora para uma série de revoltas e revoluções ao longo de todo o território da Europa ocidental), tanto legitimistas quanto orleanistas puderam observar como uma nova facção até agora sem força política começavam a disputar o poder. Foi assim que esses dois setores aristocrático-burgueses fizeram o que todo bom burguês faz quando a classe trabalhadora e a pequena burguesia vêm a disputar o poder com eles: uniram-se. Mas sua união não aconteceu como fruto da conciliação entre as Casas, senão, de uma pura necessidade material para se manter na disputa direta pelo poder. A união não aconteceu como produto do amor e da *fraternité* tão pregada pela maçonaria francesa, mas dos interesses econômicos e políticos de ambos os bandos. Em outras palavras, a aliança legitimista-orleanista de metade no século teve o mesmo motivo que a aproximação dos *tories* e *whigs* na Inglaterra: uma união de classes historicamente em disputa pelo poder político que tem como motivo o surgimento de uma nova força social ameaçadora do *status quo*. Por esse motivo e voltando ao caso francês, nenhum dos dois setores aceitaria a eleição de um presidente que proviesse da outra Casa. A única saída era a escolha de uma figura política que não estivesse relacionada com nenhum dos dois bandos e, é claro, que sua trajetória e seu peso político não representasse uma verdadeira ameaça para o poder aristocrático de Bourbons e Orléans. Dessa forma, ambas as casas se uniriam num piscar de olhos e acreditaram estar postergando a luta pela coroa até um momento favorável. Sendo assim, após o massacre em junho dos proletários que ainda clamavam pela instauração de um governo provisório, no dia 20 de dezembro de 1848, Napoleão III é proclamado Presidente da República pela Assembleia Nacional Constituinte, obtendo 5,5 milhões de votos contra 1,5 milhões de Cavaignac. Foi assim como tanto os Bourbons quanto os Orléans, agora o Partido da Ordem, tiveram que

<sup>3</sup> Não por acaso, ainda em 1825, já no reinado de Carlos X, a coroa pagou por conceito de indenização 1 bilhão de francos aos aristocratas que tiveram suas terras confiscadas na República de Robespierre. Para o leitor poder dimensionar quanto representava 1 bilhão de francos em 1825, considere que a indenização por danos de guerra pagos por França a Prússia foi, em 1871, de 5 bilhões de francos.

<sup>4</sup> Marx (2012, p. 37) começa *A luta de classes na França* falando a respeito dos interesses dessa revolução. Ele diz: “Após revolução de Julho, quando conduziu o seu *compère*, o Duque de Orléans, em triunfo até o Hôtel de Ville, o banqueiro liberal Lafitte deixou escapar a seguinte frase: ‘De agora em diante reinarão os banqueiros’. Lafitte havia revelado o segredo da revolução”.

engolir a seco mais uma vez um Bonaparte no poder. Ele era o homem neutral que, naquele momento de instabilidade política provocada pela pequena classe média e os trabalhadores, ambas as partes podiam aturar no poder. É assim que “*um homem que não era considerado mestre-feiticeiro nem pelos seus inimigos*” (MARX 2011, p. 31, grifo meu) passa a ocupar a cadeira presidencial. “*Napoleão não era uma pessoa, mas um programa*”, diz Marx (2012, 79, grifo meu). Ele assumiu o discurso do seu tio, o discurso de solidariedade com o pequeno camponês francês e por causa disso, possuía o apoio popular daquela que, na metade do século XIX, representava a maior classe média de França. No entanto, ele era o programa de uma aristocracia de teor burguês que se via encurralada por uma população conturbada que incomodava cada vez mais nas cadeiras do Parlamento. É só assim que pode se entender como “o homem mais simplório da França se revestiu do significado mais multifacetado” (MARX, 2012, 79) e, contra todas as previsões, chegou ao poder em 1848. De lá até 1852, fracassado seu projeto de reeleição, ele teve o grande mérito de orquestrar todo um Golpe de Estado e, dessa forma, governar até 1870.

Essa é a história da ascensão de Napoleão III à presidência e ao trono da França. É a história de um homem orquestrou três golpes de Estado para, finalmente, cumprir seu propósito de honrar a memória do seu tio e, dessa forma, oprimir de uma vez só, os interesses da aristocracia e das classes baixas francesas. Uma vez apresentado de forma sucinto o caso francês, cabe agora passar a analisar o golpe parlamentar que teve lugar no Brasil no ano passado.

### **3 A caminhada desde 2013 até o golpe de 2016**

2013-2015: Perda de apoio popular do governo do PT

Junho de 2013. Depois das primeiras manifestações, inclusive a própria Dilma Rousseff, em conferência de imprensa e acompanhada por fortes palmas, aclamou:

O Brasil, hoje, acordou mais forte. A energia das manifestações de ontem comprovam a energia da nossa democracia, a força da voz da rua e o civismo da nossa população. É bom ver tantos jovens e adultos, o neto, o pai, o avô, juntos, com a bandeira do Brasil, cantando o hino nacional, dizendo com orgulho ‘eu sou brasileiro’ e defendendo um país melhor (‘Brasil... 2013).

Certamente ela não esperava a reviravolta do destino. Mesmo após sua tentativa de fingir que não era seu governo que estava sendo questionado, no Junho Brasileiro de 2013, a popularidade da presidente Dilma Rousseff sofreu uma queda de quase 30 pontos, quase tão

grande quanto a queda de popularidade sofrida em 1990 pelo ex-presidente Collor, após apresentar seu projeto econômico, o qual confiscava a poupança dos brasileiros<sup>5</sup>.

Após um ano mais do que conturbado, em 2014 teve lugar o acalorado processo eleitoral para as eleições presidenciais. Dilma Rousseff ganha no segundo turno por uma diferença percentual minúscula. Mais uma vez, o período eleitoral deixa transparecer que a figura de Dilma Rousseff não portava o carisma e a popularidade do seu antecessor, Lula Da Silva. Seu governo começa a sofrer as primeiras manobras golpistas, mesmo antes de ela assumir. O primeiro Fora Dilma foi marcado para o dia 15 de março de 2015, poucos meses após a posse de Dilma Rousseff. Durante vários meses, os setores da direita brasileira impulsionaram diversas manifestações contra o governo Dilma, enfraquecendo a figura de Rousseff ainda mais. Dessa forma, 2015 concluiria com uma Dilma totalmente questionada e com um governo com um índice de aprovação na faixa dos 30%.

Começo de 2016 e o fim do apoio da esquerda ao PT

Desde o Primeiro governo Lula, a proposta do PT foi paulatinamente migrando de uma esquerda nova com extremo apoio popular para uma centro–esquerda<sup>6</sup>. Mais que isso, assinará tacitamente um verdadeiro pacto de classe de não agressão com os partidos da oposição. Esse sistema chamado ora *petucano*<sup>7</sup>—apontando para a conciliação entre PT e PSDB— ora *pemedebista*<sup>8</sup>, —por ter o PMDB como grande articulador do pacto entre ambos os partidos— está ferido de morte. O pacto de não agressão existiu entre petistas e pesedebistas, uma vez que não existia um partido com o poder suficiente para ferir de morte seu oponente. Mas

<sup>5</sup> Veja Popularidade...(2013).

<sup>6</sup> Num interessante artigo sobre as políticas econômicas das gestões dos governos FHC, Lula e Dilma, os economistas Teixeira e Pinto (2012) registram como, para a campanha das eleições que derivaria no segundo governo de Lula, a porcentagem da procedência das doações para o financiamento de campanha mudaram de forma significativa. Eles dizem: “*Analisando-se os valores doados, entre as eleições de 2002 e de 2006, para a campanha eleitoral de Lula, de acordo com dados de Filgueiras e Gonçalves (2007), vê-se um expressivo aumento dos recursos doados pelo setor financeiro (que passam de R\$ 6.080 milhões para de 12.705 milhões), pelo setor de construção civil (de R\$ 2.490 milhões para de R\$ 18.028 milhões) e pelo setor primário-exportador e indústria de commodities (de R\$1.610 milhões para de R\$ 12.511 milhões)*” (TEIXEIRA; PINTO, 2012, p. 931-2). Os autores acrescentam de forma mais que sugestiva: “Deixar de lado a análise dos efeitos das políticas do governo Lula sobre os setores dominantes significa construir uma visão parcial do período” (TEIXEIRA; PINTO, p. 932, grifo meu).

<sup>7</sup> Ouriques (2017).

<sup>8</sup> Nobre (2013).



foi só o PT estar suficientemente debilitado e sem apoio popular para que o eterno partido do centro, o PMDB, virasse as costas para seu aliado de fórmula presidencial e passasse a apoiar a turma capitaneada por Aécio Neves. O evento que marca esta virada de jogo de forma nítida ocorre no dia 7 de dezembro de 2015. Num desses atos vergonhosos e lamentavelmente tão típicos no marco da política brasileira, a imprensa brasileira divulga massivamente naquela segunda-feira uma carta que, supostamente, o vice-presidente da República teria enviado de forma reservada (?) à presidente do país, Sra. Dilma Rousseff. A assessoria de Temer teve ainda a ousadia de dizer que o vice-presidente tinha se surpreendido pela divulgação da carta (?)<sup>9</sup>. O certo é que, nela, o vice-presidente Michel Temer questiona Rousseff pelo papel “decorativo” ao qual o tinha relegado e, desta forma, tenta se distanciar o máximo possível da figura de Rousseff, querendo deixar claro aos leitores que o PMDB e seu presidente não tinham nenhum tipo de culpa no cartório pelas ações políticas de Rousseff e de um governo petista que teriam afundado o país na —parafrazeando William Bonner e a máfia sensacionalista da Globonews— “pior crise econômica da história do Brasil”. O ciclo do “jogo limpo” da não agressão está fechado. Mesmo Temer tendo se manifestado publicamente dizendo que não estava rompendo com o governo, nesse momento, o alinhamento entre PMDB e PSDB era nítido. No entanto, esse negado rompimento viria a se tornar oficial meses depois quando, no dia 14 de abril de 2016 —três dias antes da votação na Câmara dos Deputados—, os líderes do PMDB manifestaram, após uma reunião do partido, seu apoio ao processo de impeachment de Dilma Rousseff.

Em janeiro de 2016, antessala do *Impeachment*, teria ainda lugar um acontecimento na política do país que revelaria às claras o posicionamento político do debilitado PT de Rousseff. No dia 14 de janeiro de 2016, foi publicado no Diário Oficial o veto da Presidente Dilma Rousseff à proposta de realização de uma auditoria da dívida pública, apresentada pelo PSOL e aprovada no parlamento. Os motivos expostos no próprio Diário para o veto são simplesmente inaceitáveis:

O conceito de dívida pública abrange obrigações do conjunto do setor público não financeiro, incluindo União, Estados, Distrito Federal e Municípios e suas respectivas estatais. Assim, a forma abrangente prevista na iniciativa poderia resultar em confronto com o pacto federativo garantido pela Constituição. Além disso, a gestão da dívida pública federal é realizada pela Secretaria do Tesouro Nacional e as informações relativas à sua contratação, composição e custo, são ampla e periodicamente divulgadas por meio de relatórios desse órgão e do Banco Central do Brasil, garantindo transparência e controle social. Ocorrem, ainda, auditorias internas e ex-

<sup>9</sup> Veja Leia...(2016).



ternas regulares realizadas pela Controladoria Geral da União e pelo Tribunal de Contas da União.

O governo Rousseff ofende a inteligência daqueles que o elegeram e demonstra de forma nítida que, num governo conciliador a serviço do capital financeiro, “[a] única parte da assim chamada riqueza nacional que realmente integra a posse coletiva dos povos modernos é [...] sua dívida pública” (MARX, 2013, p. 824, grifo meu). Para além do discurso afiado do dito partido do povo e guardião dos interesses das camadas baixas, o PT, que a todo momento abraçou a bandeira do Bolsa Família, mas em momento algum —nem nos debates eleitorais para a presidência— abraçou a causa da auditoria da dívida pública, mostrou nos fatos seu profundo espírito conciliador. Foram-se os anos de luta política e social. O PT de Dilma adotou a estratégia de cessar o fogo contra uma direita que novamente se mostrava ameaçadora. Em janeiro de 2016, o PT já tinha desistido da luta contra a direita; não era a hora certa para começar uma luta contra a bancocracia. Ele agora lutava pela sua sobrevivência.

Nessa única ação política, o PT de Rousseff evidencia a total inexistência de um alinhamento entre os partidos de esquerda e, ao mesmo tempo, mostra seu nível de servilismo para com os setores financeiros do país. Trata-se de um partido de esquerda que, mais que de verdadeira esquerda, não passa de uma proposta de centro-esquerda absurdamente alinhada com a agenda e os interesses de uma direita calejada historicamente de tantas tentativas, muitas bem sucedidas, de assalto ao poder. Ao mesmo tempo em que o PT vira a cara para uma das bandeiras mais antigas do PSOL<sup>10</sup>, a saber, a necessidade da realização de uma auditoria da dívida pública que, hoje em dia, consome 1 trilhão 250 bilhões de reais para o pagamento anual de juros, amortizações e refinanciamentos, ele dá claros sinais de fraqueza perante as bandeiras daqueles que poucos meses depois dariam o golpe. O PT, debilitado tanto interna como externamente, rompeu com quem deveria ser, dada sua orientação política, seu partido aliado. A partir do veto da auditoria da dívida pública, o PT se posiciona, no quadro da luta e das alianças políticas, mais próximo do PMDB e PSDB que do próprio PSOL. Ele rompe com seus aliados de esquerda e mostra sua verdadeira essência de centro-esquerda conciliadora, alinhando-se com aqueles que já vinham prometendo levar adiante o processo de *Impeachment*. Dessa forma se torna fácil entender porque, no começo de 2016, aos setores conservadores de direita se somavam agora grupos de esquerda que também pediam a cabeça de Dilma

<sup>10</sup> Veja Psol...(2008). Cabe ainda destacar que mesmo após o golpe de Michel Temer & Cia., o PSOL ainda manteve como bandeira política a auditoria da dívida pública (Proposta...2016). Contudo, tal proposta ainda é rejeitada pelos setores políticos de direita, comprometidos de forma ferrenha na defesa dos interesses do capital financeiro (Congresso...2017).

Rousseff ou que, na melhor das hipóteses, não iriam mais lutar para que sua cabeça não rolasse. Eis a sábia decisão de um projeto de governo que agora flutuava entre a esquerda e a direita, que não recebia o apoio nem de um lado, nem do outro. A partir de fevereiro de 2016, o PT está confrontado tanto com direitistas conservadores quanto com a esquerda mais radical. Bravo!

### O plano Temer

No começo de 2016 o PT de Dilma Rousseff está suficientemente debilitado e isolado no mapa político para que o golpe pudesse ser dado. Desde 2013, tinha perdido progressivamente o apoio popular e, no começo de 2016, havia rompido com o PSOL e a esquerda brasileira. Também por esses dias os altos mandos dos partidos políticos —muitos dos quais seriam processados meses depois, a pesar da total conivência de um Supremo Tribunal Federal descaradamente corrupto— investigados na Lava-Jato ainda deviam se preocupar com o entorpecimento do processo. O problema para eles era claramente que enquanto Dilma estivesse no comando do Executivo, ela pouco faria para entorpecer as investigações desses grandes criminosos de gola branca com choqueiro no Parlamento. Dilma, a debilitada figura da esquerda deveria dar a vez para um protetor da quadrilha ou a casa dava sinais de que ia cair em breve. Mas ainda faltava decidir como deveria ser realizado o golpe. Ainda cabia à direita de Aécio Neves, Eduardo Cunha e Renan Calheiros decidir como efetuar o golpe de Estado que acabaria com os quatro anos de governo do PT.

No começo de 2016, a oposição teve de pensar seriamente qual seria a forma correta de encarar o processo de *impeachment*. Basicamente, ela deveria refletir sobre a melhor forma de acabar com o governo Rousseff e, ao mesmo tempo, pensar no governo sucessor. Existia a opção de afastar Rousseff e promover novas eleições, mas a ideia de ter novas eleições presidenciais não encantou os líderes da oposição. No final das contas, eles tinham perdido as últimas quatro eleições presidenciais. Sendo assim, o caminho “democrático” estava vedado. Como consequência, a única alternativa era substituir Dilma Rousseff de forma automática por algum fantoche do flanco de centro direita. E quem seria o novo presidente imposto pela direita? Alguns pregavam que o Presidente da Câmara deveria assumir o Executivo. Outros ainda fantasiavam com Aécio Neves, o perdedor das eleições. Mas com que base constitucional isso poderia vir a acontecer? E a direita golpista ainda tinha de levar em consideração que, acima de tudo, o golpe parlamentar deveria parecer um processo legítimo e constitucional. Para que isso acontecesse, eles não poderiam colocar outra pessoa na cadeira presidencial que

não fosse o vice-presidente. Por todos esses elementos em jogo, tal como Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro, diria para Romero Jucá em março de 2016, em conversa grampeada, “a solução mais fácil [é] botar o Michel”<sup>11</sup>. Então, assim como Napoleão III chegou à presidência da Segunda República Francesa porque nem um orleanista nem um legitimista podia ser aturado por todos os setores aristocrático-burgueses da França, Michel Temer se tornou o presidente eleito pela direita brasileira porque os maiores líderes do PSDB estavam impedidos de substituir Rousseff sem manchar o processo com tintas ainda mais escancaradamente golpistas.

A eleição de Temer como o fantoche chamado a substituir Rousseff no Executivo supunha ainda mais um desafio, a saber, que o pedido de *impeachment* deveria ser relatado de tal forma que somente a figura de Dilma Rousseff fosse afetada, mas mantendo a impunidade do seu vice-presidente, mesmo perante os inúmeros casos de corrupção aos quais seu nome estava associado<sup>12</sup>. Ademais, cabia tentar convencer os brasileiros de que era Michel Temer, o mesmo que em 2013 tinha manifestado seu ceticismo a respeito de uma reforma política profunda, o candidato que colocaria ordem na casa<sup>13</sup>. Então grande foi o trabalho de Anastasia na hora de relatar o processo de *Impeachment*. Ele deveria ter o máximo cuidado para que nosso Napoleão III ficasse livre de toda culpa por aquela grande crise econômica da qual os líderes da oposição falavam todo o tempo.

O processo de *Impeachment* foi levado adiante, entre outras coisas, para a proteção de parlamentares da Lava-Jato. Quem votou pelo afastamento de Rousseff e, por conseguinte, por Temer para presidente, votou em troca de proteção política contra crimes de corrupção. Durante o longo processo de *Impeachment* de Dilma, o foco da política nacional deixou de girar em torno da Lava-Jato. Por absurdo que pareça, enquanto as delações da Lava-Jato tinham como objeto a indagação de diversos desvios de milhões de reais pelos pesos pesado dos partidos da ordem, no começo de 2016, o centro do debate político tinha por objeto a suposta punição da presidenta pelo gravíssimo delito de ter cometido pedaladas fiscais (?). Em 2016 o fantoche foi necessário. Ele foi a melhor carta da máfia de Brasília em seu afã por poder e imunidade política. Só assim podemos entender como nosso Bonaparte brasileiro passou de “vice decorativo” à presidência da nação.

<sup>11</sup> Veja Áudio...(2016). Nessa mesma ligação grampeada de março de 2016, Jucá dirá a Machado de forma clara que todos “*tem que mudar o governo para estancar essa sangria*”. Nela Machado também lembra a Jucá que ele pessoalmente já participou de campanha para o PSDB e pergunta de forma retórica: “*Quem não conhece o esquema do Aécio?*”.

<sup>12</sup> Veja Dono...(2016); Delcídio...(2016).

<sup>13</sup> Veja Temer...(2013).

## A propaganda Temer

Como já salientei, a escolha de Temer para substituir Rousseff foi necessária para manter o processo dentro de um aparente marco constitucional e legítimo. No entanto, a escolha de um fantoche com apoio popular igual a zero como Temer para o cargo de presidente da república supõe um grande desafio, a saber, convencer o povo brasileiro de que ele representava os melhores interesses para o país. Cabe lembrar que mesmo depois de realizado o relatório para o *Impeachment* e poucos dias antes da Câmara dos Deputados protagonizarem um dos atos mais vergonhosos da história da política nacional, ainda mais de 50% dos brasileiros consideravam necessário o afastamento tanto de Rousseff quanto de seu vice<sup>14</sup>. O que fazer então? A resposta: recorrer à imprensa.

Se a Revolução Francesa de 1789 teve seu Marat, o golpe da quadrilha Temer teve dentro de suas fileiras a Rede Globo & Cia. Muito antes do processo de *Impeachment* chegar à instância no parlamento, a imprensa brasileira, em um nítido alinhamento com a oposição, começou a publicar de forma sistemática reportagens e matérias enaltecendo a figura do Temer que, até então não passava de um vice-presidente “decorativo” e havia passado despercebido o suficiente para não estar associado aos crimes pelos quais a gestão Rousseff era acusada. Foi assim que, desde o segundo semestre de 2015, a cara de Temer passa a ser capa da maioria das revistas com o maior número de assinantes do país. Dessa forma surge “A solução Temer”<sup>15</sup> da Revista Istoé, “O Plano Temer” (?)<sup>16</sup> da Revista Veja, “A saída Temer”<sup>17</sup> da Revista Exame, e uma quantidade imensa de artigos e notícias que versavam sob a possibilidade de Michel Temer substituir Dilma Rousseff. A campanha publicitária do assim chamado “Plano Temer” pela qual o próprio Goebbels teria se orgulhado, foi além do meramente político e colocou seu messias no mais alto patamar moral. Foi assim que a defesa do Plano Temer veio acompanhada da defesa da Família Temer, isto é, a família do pai de família trabalhador, mãe de família “*bela, recatada e do lar*”<sup>18</sup> e filho lindo e maravilhoso educado nas

<sup>14</sup> Veja Apoio...(2016).

<sup>15</sup> Veja A solução...(2015).

<sup>16</sup> Assista Veja...(2015).

<sup>17</sup> Veja Sumário...(2016).

<sup>18</sup> No dia 18 de abril de 2016, a Revista Veja, um dos maiores gendarmes do conservadorismo próprio de uma direita recalitrante, publicou uma entrevista Marcela Temer, na qual a celebridade contava com alguns detalhes da vida privada da atual Primeira Dama. O curioso da entrevista é que, mesmo ela tendo o claro propósito de vender ao leitor a ideia de que a família do, naquele momento, vice-presidente Temer é uma família modelo e fiel aos princípios da

artes aristocráticas da elite. Foi dessa forma que um país como o Brasil, dominado por um discurso religioso mais do que conservador, passou a ter uma presidente que desde sua primeira campanha eleitoral vinha sendo acusada do crime de ser lésbica, a ter um presidente digno de presidir o Vaticano.

Foi através desse processo de golpe parlamentar orquestrado pela direita brasileira que o fantoche Michel Temer se tornou presidente sem base no apoio popular. A forma como ele acaba pousando na cadeira presidencial guarda uma semelhança altíssima com a ascensão de Napoleão III. Ela acontece como produto de um pacto interno da classe burguesa e o alinhamento de uma classe média brasileira alienada e ressentida que se assume a si mesma como antiDilma e antiPT—tema da próxima seção. E a pouca popularidade que Temer não possuía antes do *impeachment* transformou-se em total impopularidade após o golpe. Se na abertura da Copa das Confederações de 2013, a presidenta Dilma, sentada ao lado de Joseph Blatter, experimentou na pele o repúdio do povo brasileiro<sup>19</sup>, em 2016, tanto na abertura dos jogos Olímpicos<sup>20</sup> quanto na abertura dos Jogos Paraolímpicos<sup>21</sup>, foi a vez de Michel Temer sofrer o repúdio daqueles que nunca o escolheram como seu presidente.

#### **4 Medidas e políticas do governo Temer: O verdadeiro Plano Temer**

O governo Temer não surge a partir de um plano de governo claro e cunhado por anos. Ele surge de um golpe de Estado orquestrado em poucos meses sob o comando do Congresso Nacional. Mais do que isso, o verdadeiro Plano Temer não existia. Ele um projeto positivo, propositivo, a “Saída Temer” representava somente o fim do pacto de classes no qual o go-

---

família tradicional, nela, o jornalista deixava transparecer o lado obscuro da origem da história de amor entre Michel Temer e sua recatada mulher. Marcela Temer conta que foi Michel Temer, com seus 62 anos quem, seguindo a tradição, se aproximou dela quando ela tinha tão somente 20 anos. Ela não poupa o leitor do curioso fato de que quando ela recebe o “convite oficial” do nosso galã, não se sentia segura de comparecer ao encontro sozinha, motivo pelo qual decidiu ir com sua mãe. Eis como a família Temer surge, a partir de um convite para jantar na área *VIP* de um restaurante paulista, à qual compareceram, para acertar os termos da negociação da menina de 20 anos, nosso galã, seu troféu e a mãe do troféu. Mas o fato ainda mais curioso é que, tal entrevista, a qual causou a maior sensação no país logo após sua publicação e matéria de milhares de comentários severamente críticos nas redes sociais, foi editada pela Revista Veja e, hoje, na edição digital que consta na Internet foi suprimido o trecho vergonhoso onde Marcela Temer fala sobre seu primeiro grande encontro romântico com seu atual marido. Veja Marcela...(2016).

<sup>19</sup> Veja Ei Dilma...(2014).

<sup>20</sup> Assista Michel...(2016a).

<sup>21</sup> Assista Michel...(2016b).

verno Rousseff se encontrava. Mas o que se podia esperar de um governo golpista do PMDB não era claro em abril de 2016. O que vem a seguir é a crônica e o desenrolar do verdadeiro Plano Temer: o plano do paraíso do capital financeiro e empresarial.

### A posse de Temer e as mudanças no Gabinete

A assunção oficial de Michel Temer aconteceu no dia 12 de maio de 2016. No mesmo dia e no seu primeiro documento assinado como presidente, Temer elimina 9 dos 32 ministérios. Dentro das mudanças mais polêmicas do seu gabinete, anexa o Ministério de Cultura ao Ministério de Educação.

A conformação do novo gabinete possui alguns dados que são mais do que sugestivos na hora de julgar as pretensões de Temer na cadeira presidencial. Dos 23 ministros nomeados:

- 1) Nenhum era mulher.
- 2) Nenhum era negro.
- 3) Temer, quem durante meses tinha sido vendido pela imprensa golpista como o restaurador da ordem e quem iria acabar com a corrupção no país, no seu primeiro dia nomeia 9 ministros implicados em esquemas de corrupção citados na Lava-Jato<sup>22</sup>.

As mudanças e nomeações do dia 12 de maio de 2016 mostram por si só o caráter elitista, conservador e racista do novo governo. Horas depois foi tempo do seu discurso de posse. Nele, no meio de palavras de pedido de confiança e otimismo, palmas e euforia da sua quadrilha, o presidente interino não eleito dos brasileiros realiza seu discurso inaugural e anuncia, de forma muito eufemística a cartilha neoliberal que orientará seu plano de governo. Ele afirma:

Eu conservo a absoluta convicção que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil, no concerto interno e no concerto internacional, favor necessário para que empresário dos setores industriais, de serviços, do agronegócio e os trabalhadores, em fim, de todas as áreas produtivas, se entusiasmem e retomem em segurança com seus investimentos. Teremos de incentivar de maneira significativa as parcerias público-privadas na medida em que este instrumento poderá gerar emprego no país. Sabemos que o Estado não pode tudo fazer; depende da atuação dos setores produtivos: empregadores de um lado e trabalhadores de outro. São estes dois polos que irão criar a nossa prosperidade. Ao Estado compete, vou dizer aqui o óbvio, cuidar da

<sup>22</sup> Veja Entre ministros...(2016).

Segurança, da Saúde, da Educação, ou seja, dos espaços e setores fundamentais que não podem sair da órbita pública. O restante terá que ser compartilhado com a esfera privada, aqui entendida como uma conjugação entre trabalhadores e empregadores<sup>23</sup>.

Ademais, no mesmo discurso, Temer anuncia aos cidadãos brasileiros seu desejo de realizar uma reforma previdenciária e trabalhista.

Tão somente um dia tinha se passado com Temer no poder e o filme de terror começava. Poucos dias após sua toma de posse, o repúdio das primeiras diretrizes do governo, fez que o projeto Temer tivesse, pela primeira vez, de recuar sob grande pressão: Michel Temer volta atrás e recria o Ministério da Cultura. Quem tinha sido nomeado secretário do Ministério de Educação tornou-se, da noite para o dia, Ministro de Cultura<sup>24</sup>. Ato seguinte, a Lava-Jato não demorou em decepar algumas cabeças de ministros<sup>25</sup>.

### Reformas, políticas e diretrizes do Plano Temer

Ao longo desse ano e meio de gestão do governo Temer, o Executivo realizou um conjunto de propostas de emendas constitucionais e medidas que tendem a uma destruição de muitos dos direitos garantidos na Constituição de 1988 após a retomada de democracia. Tratam-se todas elas de políticas que enxugam ao máximo a verba destinada a atender as necessidades das classes médias e baixas do país para favorecer uma elite ambiciosa e sem freios na luta pelo acúmulo de capital. A seguir, uma pequena análise das principais reformas promovidas pelo governo Temer.

### **Lei do congelamento de gastos por 20 anos**

No dia 15 de junho de 2016 é apresentada na Câmara de Deputados a Proposta de Emenda Constitucional protocolada como PEC 241. Sob o discurso legitimatório da necessidade de cortar o orçamento para uma prometida recuperação econômica, a aprovação da PEC teria, como consequência mais gravitante, nada mais e nada menos que o congelamento de gastos do governo por 20 anos.

O rechaço popular sofrido pela proposta representou a primeira grande e mais nítida derrota do Plano Temer. Durante muitos meses, as redes sociais explodiram em manifestações

<sup>23</sup> Assista Pronunciamento...(2016).

<sup>24</sup> Veja Temer...(2016).

<sup>25</sup> Veja Os ministros...(2016).



contra a aprovação da emenda, junto com o grito de guerra mais usado em 2016: Fora Temer! Mas o tratamento que o aparato governamental deu à PEC 241 expõe de forma clara a crise da democracia representativa. Não é de se estranhar que, para um governo que chegou ao poder de forma não eleita e que nunca gozou de aprovação popular, a opinião pública seja completamente desconsiderada. Tantas manifestações e protestos pouco importaram e, no dia 29 de novembro de 2016, o Senado aprovou a PEC 241 em primeiro turno, ratificando a decisão no segundo turno no dia 13 de dezembro com 53 votos a favor<sup>26</sup>. Nesse mesmo dia, o Data Folha publica uma pesquisa que mostra que 60% dos entrevistados eram contra a aprovação da PEC 241<sup>27</sup>.

Segundo o texto da PEC 241, o congelamento em Educação e Saúde deveria começar a ser aplicado só a partir de 2018. Não obstante, o governo parece ter desconsiderado esse fato e, em muitos casos, mais do que congelar, parece querer acabar com o gasto em Educação e Saúde desde o começo de suas gestões<sup>28</sup>. O recorte tende a provocar o colapso dos serviços públicos e, o que segue é, mais uma vez, a aposta em massa nos setores privados.

## Na Previdência

Logo após a posse de Temer foi anunciada uma PEC para a reforma do sistema previdenciário do país. Com ela, o presidente anuncia oficialmente que pretende acabar com o “déficit da Previdência Social”, entre outras coisas, aumentando para 49 anos o tempo de trabalho necessário para receber a aposentadoria integral. Trata-se de um dos projetos menos populares lançados por esse governo que surge de forma antipopular. Desde a metade do ano, os meios de comunicação tentaram maquiagem seu caráter elitista<sup>29</sup>. Nesse quadro, a maior emissora nacional, conhecida por ter romanceado com os governos ditatoriais e por ter apoiado sistematicamente todos os governos de direita pós-ditadura, apontava para o suposto déficit da Previdência Social, isto é, que a Previdência do país gasta mais do que arrecada a partir de tributação<sup>30</sup>. O mais curioso do caso é que nosso presidente postulava como necessária tal drástica

<sup>26</sup> Veja Senado...(2016).

<sup>27</sup> Veja Maioria...(2016).

<sup>28</sup> Veja Corte...(2017); Crivella...(2017).

<sup>29</sup> Ainda no começo de 2017, a orientação da imprensa era a mesma, dando nas suas matérias mais de 90% do tempo àqueles que apoiam o projeto do governo e quase desconsiderando as críticas. Veja Mídia...(2016).

<sup>30</sup> A Globo fez mais do que isso! Como não podia ser de outra forma, no dia 9 de dezembro de 2016, isto é, poucos dias após ter sido apresentado o projeto aberrante de reforma previdenciária, a GloboNews retoma um dos seus assuntos recorrentes e emite uma matéria com a frase:

medida, baseado no “fato” de que a Previdência era deficitária. No entanto, mesmo com as absurdas isenções fiscais concedidas ao setor empresarial, arrecada mais do que gasta em matéria de Previdência. Isso não é uma opinião, mas se trata de um *fato* incontestável matematicamente corroborado. Mais do que isso, grande parte da arrecadação da Previdência é desviada para outros setores da Seguridade Social, da qual a previdência é somente uma parte<sup>31</sup>. Logo, a manobra do governo de reformar o sistema previdenciário jamais pode se justificar devido a um suposto déficit do sistema.

O governo, que prometia ter no texto do referido projeto para setembro de 2016 antes das eleições municipais, demorou mais alguns meses para elaborar de forma completa o projeto, o que não se deveu à realização de um estudo sério para a formulação de ajustes que o aperfeiçoassem, senão apenas a uma árdua negociação de bastidores ente os eternos pesos pesados dos partidos da ordem<sup>32</sup>. No dia 5 de dezembro de 2016, a proposta relatada pelo Deputado Arthur Oliveira Maia já estava pronta e disponível de forma pública no site da Câmara de Deputados<sup>33</sup>. No entanto, a notória falta de apoio popular da proposta do Executivo fez com que o projeto de espremer a Previdência do país não fosse aprovado. Nosso Napoleão III, no entanto, não desistiu da sua proposta “Hood Robin”, o qual tira dos pobres para dar para os ricos. O texto original do projeto não alterava o sistema previdenciário dos militares. No ano de 2017, as dificuldades em conseguir a cumplicidade do Congresso obrigaram o Executivo a flexibilizar muitos dos principais pontos do projeto original. Dessa forma, foram reduzidas,

---

*Especialistas recomendam acumular R\$ 1 milhão até os 60 anos para ter uma renda mensal de R\$ 5 mil.* Nela, jornalistas até então comprometidos com o projeto bancocrata de Temer mostravam como a previdência privada teria aumentado mais de 38%, logo após as discussões sobre uma eventual reforma previdenciária. Veja *Contribuição...*(2016). A matéria foi motivo de deboche e indignação popular por vários dias, motivando diversas publicações críticas em redes sociais. Veja *Globo...*(2016); *Evidência...*(2016). Foi assim que, em 2016, a Globo promoveu o sistema de previdência que faz parte das medidas pelo FMI, toda vez que eles, através da dívida externa, conseguem acabar com a autonomia econômica de um país. Trata-se da mesma receita do FMI de um sistema previdenciário misto com suas *Administradoras de Fondos de Ahorro Previsional* (AFAPs) que fora introduzido no Uruguai no período das trevas dos governos de direita —os grandes defensores de capa e espada da iniciativa privada de um tempo ultrapassado— que, simplesmente, fracassou e que até hoje em dia (dezembro de 2017) acarreta problemas sérios ao Executivo, colocando nosso ministro de Economia como notícia principal dos nossos jornais. Veja *Astori ...*(2017).

<sup>31</sup> Veja *A Previdência...* (2016). Em outubro de 2017, a CPI no Senado presidida por Hélio José (PMDB), mais uma vez ratificou o que os economistas não corrompidos com o Plano Temer advertiam já faz tempo, que a Previdência não é deficitária e que o maior rombo vem dos 450 bilhões de dívida das empresas ao INSS. Veja *Previdência* (2017). Cabe lembrar que de março a outubro a dívida cresceu de 426 para 450 bi. Veja *Reforma...*(2017).

<sup>32</sup> Veja *Reforma...*(2016).

<sup>33</sup> *Câmara...*(2016).

entre outras coisas, as modificações planejadas para a reforma da previdência dos trabalhadores rurais e para o Benefício de Prestação Continuada (BPC) para idosos e pessoas com deficiências<sup>34</sup>. Ademais, no presente ano, a quadrilha de Temer, Padilha e Meireles acrescentou, pela mão de Maia, os servidores públicos estaduais dentro do grupo dos intocáveis, tentando, dessa forma, diminuir o número de opositores do projeto<sup>35</sup>.

Michel Temer desrespeita a inteligência do povo brasileiro, aquele mesmo que jamais votou nele para sentar na cadeira presidencial. Sua proposta de espremer a Previdência do país em nome da tão prometida recuperação econômica não passa de mais uma manobra direitista para pagar as contas públicas com o dinheiro dos mais pobres<sup>36</sup>. Ainda com todas essas modificações e atenuantes acima citadas, o projeto de reforma previdenciária cada vez conta com menos apoio popular. A queda de popularidade do projeto é diretamente proporcional à queda de popularidade do governo Temer. Mesmo assim, até hoje (9 de novembro de 2017), a quadrilha Temer não desistiu dele. Eles ainda observam que, mesmo que o projeto não seja aprovado de forma integral, ainda acreditam na importância da sua aprovação.

### **Flexibilização dos direitos laborais**

No começo de setembro de 2016, o governo anuncia a intenção de realizar uma reforma trabalhista. A pauta prometia uma atualização dos direitos trabalhistas, muitos dos quais foram proclamados pelo CLT de Getúlio Vargas em 1943 para, dessa forma, superar a alta taxa de desemprego do país. No entanto, a chave dessa proposta original era a “flexibilização dos direitos trabalhistas”. Na época, o governo teve dificuldades sérias para poder demonstrar a relação entre tal flexibilização de direitos e a diminuição do desemprego. A oposição fez seu trabalho no Congresso Nacional e acusou sistematicamente a ação do governo como parte de um projeto maior para favorecer o setor empresarial em detrimento dos interesses dos trabalhadores. E como era de se esperar, os meios de comunicação, novamente capitaneados pela Rede Globo, escreveram um importante capítulo na hora de tentar legitimar a política do Executivo. Matérias e entrevistas tendenciosas estavam no cardápio mais uma vez. Contudo, de

<sup>34</sup> Veja Sob pressão...(2017); Relator...(2017).

<sup>35</sup> Veja Temer...(2017b).

tanto em tanto a verdade aflorava ao vivo e desarticulava o discurso legitimatório dos cúmplices do Plano Temer<sup>37</sup>.

Devido às fortes discussões sobre a eventual reforma, o projeto de lei só foi apresentado na Câmara dos Deputados no dia 23 de dezembro de 2016. Nele foram realizadas muitas alterações, que não foram suficientes para agradar a oposição. As discussões continuaram. Mas a quadrilha Temer teria guardado a melhor parte para o final. Para 2017, à série de reformas postuladas é acrescentada a flexibilização das condições de trabalho terceirizado. A prometida reforma trabalhista que visava à superação da alta taxa de desemprego acabou por albergar o fim das restrições para a “prestação de serviços a terceiros”. Com sua revogação, acabou o impedimento de que a empresa possa contratar serviços terceirizados para o desenvolvimento da atividade principal da firma. Ademais, a empresa tomadora de serviço deixa da noite para o dia de ter responsabilidade jurídica sobre o trabalhador, em caso de que a empresa prestadora de serviços quebre e não pague o trabalhador pela sua função. Dessa forma e pese a forte resistência da oposição<sup>38</sup>, o projeto que fora aprovado no dia 13 de julho de 2017 e que começaria a ter vigor no dia 11 de novembro, que começou sendo uma dita medida para a criação de emprego (?) acabou sendo mais uma medida em benefício dos eternos acumuladores de capital.

É claro que o governo tentou mascarar a flexibilização do trabalho terceirizado. Ele astutamente diluiu tal medida de teor burguês numa série de medidas menores que, mesmo sendo atraentes para os trabalhadores, tais como a divisão dos dias de férias, a possibilidade de retirar até 80% do FGTS, a regulamentação do trabalho no domicílio, o teletrabalho etc., em nada afetam o setor empresarial. Mais do que isso, a regulamentação do trabalho terceirizado aparece como último grande item da já vigente Lei 13467. Mais uma vitória da burguesia brasileira. Bravo!

### **O corolário da repressão**

Após a conquista do poder, a democracia burguesa soube servir historicamente ao projeto de dominação econômica da classe trabalhadora. A lei e o sistema de direito é o canal preferido da burguesia para exercer seu poder e se nutrir das classes sociais mais baixas sob o manto legitimista da ação legal. No entanto, quando o sistema de direito não consegue este propósito, a burguesia não fica paralisada e perplexa, vendo como as camadas mais baixas da

<sup>37</sup> Assista Advogado...(2016).

<sup>38</sup> Assista Reforma...(2017).

sociedade voltam a ganhar espaço e poder. Ela passa “*a temer mais a ação legal que a ilegal [...] a temer mais os sucessos da eleição que os da rebelião*” (ENGELS, 1985, p. 22, grifo meu). Nesse caso, ela entende de forma clara que a lei, longe de ser uma carta a seu favor, se torna um empecilho para a consecução dos seus objetivos. É nesse momento que a lei e o sistema jurídico como um todo são simplesmente desrespeitados, sempre com base na justificativa de uma força maior, um caso pontual que exigiria o desrespeito concreto da tão sagrada lei burguesa.

Com era de se esperar, o governo Temer sofreu, desde antes do seu começo até os dias de hoje, constantes atos de rechaço público. O não reconhecimento da legitimidade do governo foi expressa de muitas formas: passeatas e manifestações das mais diversas, ocupações de escolas, eventos públicos (Olimpíadas, Paraolimpíadas etc.), expressões artísticas, memes e um “etcetera” imenso. Em cada um deles, o Projeto Temer soube recorrer à repressão policial, dando um tom ainda mais ditatorial ao seu projeto de governo. Para sua desgraça, Temer deu seu golpe de Estado na chamada era digital, na qual quase todo cidadão possui no seu celular uma câmera. Por tal motivo, os atos de violência e repressão foram bem melhor documentados que os atos de repressão do período de Napoleão III. As imagens, além dos documentos de repressão e violência contra os dissidentes que datam dessa era das trevas política no país falam por si só<sup>39</sup>.

## 5 O suporte do Governo Temer

### Os representados

Dizia anteriormente que a figura de Michel Temer jamais possuiu apoio popular, nem antes nem depois do *impeachment*. Mas disso não deve se concluir que o projeto que colocou Michel Temer na presidência do país carecia de qualquer tipo de apoio. No final das contas, ninguém pode se tornar presidente sem o apoio de ninguém; nem Napoleão III, nem Michel Temer.

Emendas constitucionais e reformas trabalhistas foram propostas dentro do Plano Temer sob o discurso da necessidade de recortar gastos para, dessa forma, superar a crise econômica. Não obstante, enquanto o governo sistematicamente lançava propostas para suprimir direitos dos trabalhadores e das classes baixas, as classes dominantes do país jamais cogitaram em adotar a política da poupança. No período das trevas de Michel Temer, os setores

<sup>39</sup> *Assista Ator...*(2016); *Urgente...*(2016); *Homem...* (2016); *Vídeo...*(2017). *Veja Contra Estudantes...*(2016).

mais ricos da sociedade souberam tiraram proveito. O setor empresarial tirou seu lucro com as eternas isenções fiscais<sup>40</sup>. Na mesma direção e segundo o prometido no primeiro discurso de Temer como presidente interino, os capitais internacionais foram atraídos para o Brasil, com a única meta de aproveitar a onda privatizadora para, dessa forma, obter rendimentos milionários a preço de banana<sup>41</sup>. Além disso, a casta política do Brasil observou o período Temer como uma oportunidade para assentar o golpe e garantir uma vida de luxo até o final dos seus dias<sup>42</sup>. E da mesma forma que “[à] *monarquia burguesa* de Luís Felipe só podia seguir a *república burguesa*” (MARX, 2011, p. 34, grifos do autor), ao governo conciliador de Rouseff só podia seguir o governo de direita dos banqueiros. Com uma das taxas de juros mais elevadas do mundo e a continuação do já mencionado pacto de silêncio do governo em relação à dívida externa, o governo Temer continua enriquecendo investidores internacionais e grandes banqueiros que vêm ao Brasil como uma mina de ouro para o capital financeiro<sup>43</sup>.

O 18 de Brumário de Napoleão Bonaparte representou os interesses de dos camponeses franceses. O 18 de Brumário de Bonaparte III conciliou os interesses do capital financeiro francês, representado pela figura de Luís Felipe, os interesses aristocrático-burgueses dos Bourbons e os interesses mesquinhos dos pequenos camponeses. O 18 de Brumário de Michel Temer tirou da cadeira presidencial uma centro-esquerda carente de apoio popular para, dessa forma, colocar no trono um velho pusilânime que, acima de tudo, defenderá a capa e espada os interesses dos banqueiros, principalmente mantendo uma taxa de juros estratosférica. Mas um bolo tão grande como a produção de riqueza de um país tão grande como o Brasil não pode ser devorado por tão poucos. Aliás, o bolo não é conquistado sem a prévia promessa de uma justa distribuição de suas fatias entre os paladinos da justiça que derrocarão a perversa Administração Rouseff. Por causa disso, o capital financeiro acha aliados no capital industrial e no latifundiário.

Os que acreditam ser representados: Uma classe média usada e alienada

Marx e Engels (2010, p. 42-ss) defendiam em 1848 no *Manifesto* que a burguesia era uma classe historicamente revolucionária. Eles diziam:

<sup>40</sup> Veja Bolsa...(2016).

<sup>41</sup> Veja Governo...(2017); Italiana...(2017).

<sup>42</sup> Veja Projeto...(2016); Após PEC...(2016).

<sup>43</sup> Veja Taxa...(2017).

Onde queira que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus ‘superiores naturais’, para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do pagamento à vista [...]. [E]m lugar da exploração dissimulada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, direta, despudorada e brutal” (MARX; ENGELS, 2010, p. 40).

Mas o que os autores não diriam no *Manifesto* é que a burguesia como classe revolucionária que é, se serve de outras classes sociais para a realização das suas revoluções<sup>44</sup>. Diferente do que muitos afirmam, a revolução de 1789 não foi uma revolução burguesa, mas uma revolução da maior das classes médias da França<sup>45</sup>, a saber, a dos pequenos camponeses e das classes baixas cidadãs. Na época da revolução de 1789, os interesses desses pequenos camponeses e os pobres da cidade estavam em consonância com os interesses da burguesia, a saber, a derrocada do sistema feudal, capitaneado por uma monarquia absolutista que entregava a propriedade da terra a poucas famílias no país. Não por acaso, burguesia e pequenos camponeses realizaram de forma conjunta uma grande revolução, das mais sangrentas da história. Porém, quando a burguesia ganha poder político e o mercado financeiro se expande, os interesses de ambas as classes se distanciam. Ao longo do século seguinte, o camponês trocava de senhor. Ele se liberta do senhor feudal para cair nos braços do senhor agiota da cidade. Endividamento e pagamentos eternos de juros para o capital financeiro. Os pequenos camponeses começam a possuir interesses mais próximos dos interesses dos proletários. Nessa revolução, o papel da burguesia foi explicitamente a de segunda guitarra. Mesmo assim, foi ela quem conquistou os maiores troféus de guerra.

Na revolução de 1848, o setor da burguesia que tirara do poder Luís Felipe também soube se beneficiar dos serviços dos proletários franceses, os quais poucos meses após terem abraçado a bandeira da revolução, foram massacrados nas ruas de Paris<sup>46</sup>. Frente à insurreição

<sup>44</sup> Uma análise detalhada do perfil revolucionário da burguesia só teria lugar n’*O 18 de Brumário*.

<sup>45</sup> Dentro do marco teórico referencial marxiano, e principalmente no marco d’*O 18 de Brumário*, cabe a distinção entre a ideia de *uma* classe média (singular) no sentido amplo, isto é, a conjunção de todos os setores que se encontram entre classe dominante e classe explorada, e *as* classes médias (plural), isto é, considerando a cada um desses grupos de forma singular.

<sup>46</sup> Como dado curioso, nesse mesmo período, Marx e Engels escreviam na Alemanha para ser publicado na Inglaterra o Manifesto do Partido Comunista, o qual postulava como primeira estratégia revolucionária o apoio do proletariado na revolução burguesa que era possível prever que aconteceria em algum lugar da Europa, dada a crise econômica de 1847 para, logo, trair a burguesia e, dessa forma, assumir o poder e fazer a revolução proletária. O projeto marxiano fracassou porque o que veio a acontecer foi o oposto. Ao longo da Europa toda, a



de junho de 1848 do proletariado francês, a burguesia contou mais uma vez com o apoio das classes médias. Naquele período e naquele país, a estratégia foi a realização de uma forte propaganda anti-proletária levada adiante por uma burguesia que agia de forma estratégica. Eis a burguesia mais uma vez usando a classe média! Foram essas mesmas classes médias junto com uma pequena burguesia que tinha ficado fora da partilha do bolo as que —uma vez que não tiveram contempladas suas necessidades após a insurreição— se unem em 1849 com o proletariado para formar o Partido social-democrata.

No Golpe de Napoleão III também existiu um alinhamento transitório, mesmo que muito particular, entre a burguesia e a classe média francesa: uma burguesia provisoriamente dividida numa luta dinástica pelo poder e os pequenos camponeses que viam no novo ditador a sombra do seu tio. Mas mesmo estando internamente fragmentada, a burguesia se serviu de uma de suas maiores armas, a saber, que ela entende quais são seus *interesses de classe* e, com base nisso, trabalha de forma unida. Em contrapartida, a classe dos pequenos camponeses franceses formam uma classe social da mesma forma que as “*batatas dentro de um saco constituem um saco de batatas*” (MARX, 2010, p. 142, grifo meu). Esses pequenos camponeses franceses constituíam, com base nos seus interesses, uma classe social. Porém, como Marx corretamente observa, é o próprio sistema produtivo camponês o aspecto que os divide, pois todo camponês vê os outros camponeses como concorrentes diretos e não como membros de uma mesma classe. A consequência mais evidente desse fenômeno é que esses camponeses, longe de se comportar como uma classe, unida por interesses comuns, se comporta como um grupo no qual seus membros competem internamente<sup>47</sup>. Dado esse cenário, não é difícil entender o grau de vulnerabilidade no qual essa classe média se encontrava frente à classe mais revolucionária e organizada da nossa história.

No Golpe de Temer, da mesma forma que nos casos revolucionários franceses, a burguesia brasileira conseguiu cooptar a classe média dentro de suas fileiras. A classe média brasileira, reconhecida no terreno da sociologia pela sua falta de educação política<sup>48</sup>, é uma classe egoísta e tola. Egoísta porque, armada com o discurso do mérito e do sacrifício (nada mais que as eternas bandeiras da burguesia) ela dá constantes sinais de que acha mais justo que

---

burguesia se serviu do proletariado, mas na hora do divórcio entre ambas as classes, os que ficaram no poder foram os ostentadores de capital.

<sup>47</sup> Para estabelecer uma distinção entre o espírito da classe burguesa e dos pequenos camponeses franceses, Marx apela para o marco teórico-referencial de Hegel a fim de estabelecer a distinção entre classe *em si* e classe *para si*.

<sup>48</sup> Os argumentos pelos quais afirmo que a classe média e o povo do Brasil carecem de formação política e educação cívica foram apresentados no meu trabalho anterior sobre o Junho Brasileiro (RODRÍGUEZ, 2017).

uma família auxiliada com o Bolsa Família deixe de ganhar 100 reais mensais para que esse dinheiro venha a ser parte do salário de um “trabalhador” que ganha entre 2 e 4 mil reais. Toda, porque ela ainda acredita que pode ser classe dominante; ela ainda acha que um governo elitista representa seus melhores interesses. Mas o fato é que nosso Napoleão III, da mesma forma que nunca atendeu aos interesses dos trabalhadores do país, jamais teve como plano de governo a atenção dos interesses da classe média. Ele não está focado na superação do desemprego, do controle da inflação e no apoio da pequena burguesia. Longe disso, o Plano Temer foi cunhado para velar pelos interesses nossos orleanistas (o capital financeiro), sem jamais deixar de atender aos interesses dos nossos legitimistas (latifúndio) e alienando a classe média através da propaganda.

No Brasil, a elite ostentadora do capital conseguiu, dentro de suas grandes vitórias políticas, que a classe média, fizesse seu trabalho sujo. Da mesma forma, desde que ela se eleva pela primeira vez como classe dominante, a burguesia trabalha para si mesma e faz as outras classes trabalharem para ela. As outras classes trabalham para ela em dois sentidos: no terreno material, produzem para ela (mais-valor, lucro); no terreno da luta política, a classe média se ajoelha perante ela e defende a de forma ferrenha os interesses do capital financeiro, o setor industrial, o latifúndio etc., mesmo quando isso vai contra seus próprios interesses. Armada com o discurso polarizador do trabalhador e do vadio, com a análise sociológica simplória do bom moço e do vagabundo, a classe média acaba, sistematicamente pregando por um governo de mão dura que restabeleça a ordem no país. Entre os mais alienados, alguns chegam inclusive a pedir a “volta dos milicos”, para acabar de uma vez só com a corrupção política e a vagabundagem. Ela se considera classe dominante ou, melhor, ela aspira ser classe dominante. Os membros da classe média brasileira não percebem que sua condição econômica e social está mais próxima das condições das classes baixas que das condições das poucas famílias que dominam o capital financeiro do país. Assim, acabam reproduzindo o discurso elitista ensinado pela Rede Globo que aponta para a aposta no setor privado, no apoio das empresas e nos recortes de gastos na área social.

Mas a classe média não se da bem com políticas elitistas. Foi assim na França de Napoleão III e é assim no Brasil de Michel Temer. Aliás, ocorre justamente o contrário, pois o sistema produtivo burguês, que isenta de impostos as grandes empresas e eleva a taxa de juro ao máximo, acentua ainda mais a diferença de classe entre os setores industriais médios e a alta burguesia industrial e a aristocracia financeira. A classe média reproduz o discurso de

apologia do trabalho e da poupança, o cliché de que o trabalho torna livre o homem<sup>49</sup>, tão servil aos interesses dos poderosos e, aos poucos, afunda progressivamente na pobreza e encosta ainda mais nas camadas baixas que ela tanta aborrece.

Nesse cenário, cabe esperar que a casa caia de vez, que o país afunde de vez nas mãos da privatização, dos cortes em Saúde e Educação, na elevação dos índices de pobreza, para que a classe média enxergue que ela está lutando no lado errado; que ela se aliou àquele que deveria ser seu oponente e que ela trava uma luta contra aqueles que, como ela, estão sendo explorados e afundado na pobreza, recebendo apenas sobras do bolo que, no máximo, servem como paliativo da miséria. Essa última característica é a que melhor ilustra por que os jovens Marx e Engels do *Manifesto* afirmavam que, no momento da luta social, as classes médias são geralmente absorvidas pela classe proletária, uma vez que percebem a igualdade de seus interesses em contraposição aos da burguesia. Mas será isso o que veremos acontecer no Brasil?

## 6 Absurdos do processo de caminho ao Plano Temer

Durante muitos anos, a elite do país observou de forma conivente o baixo grau de politização do povo brasileiro. No país do carnaval, do futebol e das telenovelas, a alta esfera política do país soube despolitizar grande parte da população com pão e circo para, dessa forma, governar *a piacere* e reservar a esfera da política como esfera da casta política. Tanto em nível estadual como no federativo, ela se compõe quase exclusivamente por membros de uma aristocracia pouco disposta a escutar os clamores populares. Contudo, a partir de 2013, ainda que como vítima de sua condição de despreparo para a discussão política, o povo brasileiro se atreveu, após muitos anos de letargia, a sair para as ruas e manifestar seu descontento com o *status quo* no país. Michel Temer vem representar a sentença de morte dessa caminhada política do povo brasileiro rumo a uma participação mais ativa na política do país. O pronunciamento da frase mais representativa desse projeto político elitista e anti-povo em mãos de uma verdadeira quadrilha de gola branca que assaltou o poder, teve lugar no primeiro discurso de Temer como Presidente Interino: *Não pense na crise, trabalhe!* Ela, que fora pronunciada como o estandarte do governo, não é mais que o fiel símbolo dos anseios da alta burguesia e,

<sup>49</sup> “*Arbeit macht frei*”. Essas são as palavras que ainda adornam o portão de entrada do campo de concentração de Auschwitz. Mas o que o cliché não explica é como os mais livres são, justamente, aqueles que não trabalham, entre eles, aqueles que vivem da especulação financeira, os rentistas, os eternos compradores e exploradores do trabalho alheio. A frase correta, demonstrada pela realidade da elite brasileira revela que a frase correta seria “*Arbeit anderer macht frei*”.

naquele nefasto 12 de maio de 2016, foi saudada clamorosamente em cadeia nacional por um bando de mafiosos incriminados por esquemas de corrupção que, em breve, ocupariam os altos mandos do Executivo.

O projeto de manter o povo brasileiro fora da discussão política aponta na direção de uma elite política que tem dado claros sinais de pretender ser intocável, a qual se reserva o privilégio de não poder ser questionada por meros cidadãos. Somente num quadro político como este podem ter lugar fatos e eventos dignos de comédia e(ou) filmes de terror. Ao longo da caminhada de Temer ao poder e já com ele ocupando o cargo de Presidente, fomos testemunhas de atos escandalosos, entre os mais destacados:

- Grampos telefônicos da Presidente da República do judiciário divulgados pela Rede Globo, antes de qualquer sentença judiciária.
- Uma presidente eleita sendo afastada do cargo por ter cometido o crime de “pedaladas fiscais”.
- Temer, implicado em esquemas de corrupção ser apresentado como o salvador moral e paladino da justiça brasileira e restaurador da moral e os bons costumes políticos.
- Deputados votando a favor do *Impeachment* de Dilma se baseando em conversas com Deus e gritando na hora de manifestar seu voto: “pelo povo de Deus!”, “pelo povo de Jerusalém!”.
- Bolsonaro saudando o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-ditador que estava no poder no período no qual Dilma Rousseff foi torturada e estuprada como presa política.
- Fernando Collor de Mello, que já tinha sofrido um processo de *Impeachment*, mas que atualmente é Senador da República (alguém pode explicar como isso é possível?) votando a favor do *Impeachment* de Dilma e ainda se defendendo do seu próprio *Impeachment*.
- Eleição de um novo gabinete presidencial com figuras que estavam sendo investigadas em diversos casos de corrupção na Lava-Jato.
- Promoção de reformas constitucionais e políticas impossíveis de serem justificadas com base nos interesses populares.
- O governo pregando a necessidade de cortar gastos para superar a crise, enquanto políticos promovem aumentos nos seus benefícios e grandes empresas são isentas de impostos.

O processo da ascensão de Temer ao poder serviu, mais que qualquer outro evento político recente no país, para colocar em xeque a teoria democrática do *Check and Balance*, segundo a qual, os diferentes poderes realizariam trabalhos de *contralor*. No caso brasileiro, a ação da oposição no Congresso, longe de operar como uma mera força política de controle das ações do Executivo, dedicou-se nos primeiros meses da Administração Rousseff a barrar e boicotar esportivamente cada uma das ações da agenda do PT. Exemplos desse processo sistemático de castração do governo estão dados pela grande quantidade de projetos de lei propostos pelo governo e que não proliferariam nas instâncias do Congresso Nacional, o mesmo Congresso que, pouco tempo depois, acusaria a administração Rousseff de inoperante e incapaz de tirar o país da crise. Na mesma direção do Legislativo, o Poder Judiciário, longe de contribuir com a estratégia do *Check and Balance*, age de forma absurdamente parcial. Grampos telefônicos divulgados na imprensa com propósitos puramente sensacionalistas demonstram que tal poder, longe de operar no marco da legalidade, serviu como ferramenta para o golpe da coalisão PMDB-PSDB.

Finalmente, gostaria de chamar a atenção para um dos fatos mais curiosos que teve lugar nesse processo, a saber, que em caso de *impeachment*, seja o vice-presidente da República, membro de outro partido diferente do partido em exercício de governo, quem deva assumir o cargo de presidente. O PT de Lula e Dilma conviveu todos esses anos com um inimigo dentro de casa. Ele só estava esperando o momento certo para virar as costas e dar o golpe para assaltar o poder. No processo de ascensão ao poder de Temer, o PMDB teve a astúcia e ousadia de se desfazer de toda e qualquer responsabilidade da Administração Rousseff<sup>50</sup>. Ao longo de 2016 e 2017, reformas constitucionais antipopulares e impopulares foram propostas. No entanto, considero que, quando as águas voltarem a se acalmar, quem sabe, após as eventuais eleições de 2018, o país deveria considerar seriamente a necessidade de reformar o Código Eleitoral, vigente desde 1965, que estabelece a possibilidade da chapa presidencial estar formada por políticos de diferentes partidos<sup>51</sup>. A experiência política do país tem vastamente

<sup>50</sup> O auge dessa comédia tem lugar quando na já referida carta do dia 7 de dezembro de 2015 à Presidenta Dilma Rousseff, seu vice-presidente se lamenta pela suposta falta de espaço do seu partido na hora da tomada de decisões sobre as diretrizes políticas do Executivo. Ele protesta: “Jamais eu e o PMDB fomos chamados para discutir formulações econômicas ou políticas do país; éramos meros acessórios, secundários, subsidiários”.

<sup>51</sup> Um dos melhores exemplos para ilustrar o que aqui quero apontar é o próprio Direito Eleitoral do Uruguai. Nesse caso, o artigo 78, numeral 12 da Constituição de forma conjunta com a Lei 17.063 estabelecem que os candidatos à vice-presidência da república, devem ser eleitos por cada partido pelo “Órgano Deliberativo Nacional” após celebração de eleições internas, o que impede que o candidato pertença a outro partido político.

comprovado que a coparticipação de dois partidos na chapa presidencial tem, acima de tudo, favorecido as negociações de bastidores entre os partidos políticos, a realização de alianças interpartidárias que tradicionalmente sacramentam um pacto de classe, cheio de negociações na hora da distribuição de cargos políticos, de votação de projetos e um combo de manobras políticas que em nada favorecem os interesses do povo. Longe disso, a política da participação política dos partidos foi a que favoreceu o pacto pemedebista no Brasil, tão prejudicial para os interesses populares. Foi ele que promoveu e fez com que o PT —que chegou ao poder com o voto das massas empobrecidas do país— se tornasse um partido de centro-esquerda, sempre conivente com as imposições de uma direita com sede eterna de golpe. A estrutura política do Brasil, longe de estar organizada segundo o princípio do *Check and Balance* e da correta coparticipação entre os partidos, está orientada pelo pacto de classe político-burguês. Eis o espaço para uma reforma plausível no marco da política nacional que pode trazer bons resultados para o povo brasileiro e encaminhar a luta política de um país em direção a uma superação da profunda crise de representatividade da nossa democracia.

## 7 Na véspera das eleições de 2018

Os defensores da teoria democrática muitas vezes consideram que Marx (2012<sup>a</sup>, p. 64, 132, grifo meu) exagera quando identifica a democracia com a “*ditadura da burguesia*”. Mas o Brasil serve como exemplo para se entender de uma forma mais clara a tese defendida por nosso autor. Se o liberalismo de Mill herda as preocupações do antirrepublicanismo platônico e teme a democracia porque ela outorga, na hora da eleição, o poder à população que nada entende de escolher as diretrizes do país, a preocupação de Marx vai na direção diametralmente oposta. Ele mostra como, no final das contas, quem manda e decide não é a população, o povão de salário inferior a 3 mil reais, mas as classes dominantes do país. Pouco importa se essa população vota; pouco importa se essa população se manifesta. Hoje, mais do que nunca, é o capital, especialmente o capital financeiro, que decide os termos da governabilidade no país. É ele quem coloca fantoches na cadeira presidencial, seja pela via eleitoral, seja orquestrando um golpe parlamentar.

Estudantes de Direito do país passam grande parte das suas carreiras tentando entender os motivos pelos quais o Brasil deveria ter um sistema de governo presidencialista ou parlamentarista. Bom, baseado nas palavras do Marx, eu só posso declarar minha total convicção de que não é nem uma coisa nem outra. O que existe no Brasil é uma verdadeira ditadura da burguesia, como outras muitas ditaduras burguesas mundo afora. Às vezes, essa ditadura go-

verna em maior medida através do Executivo, às vezes ela opera através do Legislativo, às vezes ela consegue ser tão forte que chega a alinhar os três poderes do Estado sob seu comando. Nesse esquema, ela é capaz de atender seus interesses particulares de classe e colocar na cadeira presidencial sujeitos como Michel Temer, personalidades antipopulares que servem de meros fantoches para os caprichos do capital financeiro e outros setores poderosos.

Como já falei alguma vez no meu trabalho anterior (RODRÍGUEZ, 2017), os eventos de 2013 marcam um ponto de inflexão na história da política brasileira. Ela tornou-se incerta. Por tal motivo, na véspera de eventuais eleições presidenciais de 2018, é difícil prever o que vai acontecer. O máximo que podemos fazer a partir da academia é apostar nossas fichas naquele que consideramos ser o futuro cavalo vencedor para, depois, termos de explicar porque nossos vaticínios não se cumpriram.

No presente trabalho, enunciei os motivos pelos quais considero que Michel Temer, figura política totalmente carente de carisma e ainda sem apoio popular chegou ao poder. Ele não passa de um perfeito fantoche para um momento conjuntural marcado pelo desgaste de figuras emblemáticas da esquerda brasileira. Michel Temer valeu-se do sentimento anti-Dilma presente no povo brasileiro, somado à sede de golpe de uma direita que simplesmente não aturou o resultado das eleições. No entanto, nosso atual presidente não eleito não representa, nem de perto, um candidato forte para uma luta eleitoral franca. Isso é sabido tanto pela esquerda quanto pela direita. A estratégia então da elite nacional é postular outro novo candidato para disputar as eleições do ano que vem. Rumo a 2018, a Rede Globo vira a cara para Michel Temer e manifesta abertamente que o plano Temer não se sustenta mais. Em contrapartida, as duas figuras que, no presente, se sobressaem no cenário pré-eleitoral são dois: Bolsonaro e Dória. A mídia investe em ambos e paga para ver quem será o melhor candidato para 2018: Bolsonaro com seu discurso moralista, cristão, conservador e intolerante; Dória com seu sorriso carismático, sua juventude encantadora do empresariado paulista e seus milhões para o financiamento de campanha.

2018 ainda nos guarda outras surpresas. Ainda resta ver o que acontecerá com todas as reformas que o Governo Temer aplicou, suprimindo ministérios, anexando secretarias etc. O que vai acontecer com a emenda constitucional para o teto do gasto público por vinte anos? O que vai acontecer com a previdência social e as novas condições de aposentadoria? O que vai acontecer com as reformas nas leis trabalhistas? Considero que 2018 nos dará a pauta de se todas essas medidas autoritárias de um governo golpista e, portanto, ilegítimo, que visa somente atender aos interesses da elite, ficarão como um parêntese horroroso na história do país, ou se, pelo contrário, se trata de uma nova “ordem” que veio para ficar por mais tempo.



Na França de metade do século XIX, um ser medíocre como Napoleão III (que dentro das suas grandes contribuições para a posteridade possui a de ter contribuído com sua pusilanidade com a unificação da Alemanha de Bismarck) se manteve no poder por mais de 20 anos. Ele surge no meio das fraturas de uma burguesia francesa, com dois bandos que não podem assumir o poder e que, por tal motivo, preferem ver que um terceiro débil acabe no executivo antes de correr o risco de ver a outra facção vencer na luta pelo poder. Ele representou os interesses da maior classe social da França, aquela mesma que pouco mais de meio século antes fazia a primeira Revolução Francesa, a saber, o pequeno camponês conservador. Todavia, a ditadura de Napoleão III tem lugar no período no qual o ocidente europeu se industrializa e passa a gozar do lado bom da moeda do industrialismo emergente: acumulação de capital, melhoras salariais, diminuição da taxa de desemprego etc. Dessa forma, foi fácil para a administração de Napoleão III agradar tanto a patrícios quanto a plebeus. No entanto, resta dizer que se a conjuntura econômica europeia veio a ajudar Napoleão III, a história certamente não tem reservado o mesmo destino para Michel Temer. Visivelmente debilitado pela sua falta de apoio popular e cercado de ex-aliados que podem ver como sua figura não pode servir para assumir o poder pela via democrática, Sua Alteza deixará em breve o cenário político e sairá pela porta dos fundos sem maiores aplausos. Nesse clima de caos e confusão na política brasileira, é nítido que o mar não está para avançar grandes projeções futuras. Mas a única coisa que hoje (novembro de 2017) me atrevo a vaticinar é o seguinte: se o estúpido Napoleão III se manteve mais de 20 anos no poder, Michel Temer não passa de 2018. O Brasil já está na espera do seu sucessor. Estamos desesperançados, porém na espera do nosso Adolphe Thiers. O espaço para o otimismo é minúsculo.

## Referências

*ADVOGADO Trabalhista fala a verdade sobre a Reforma Trabalhista ao vivo - GloboNews (Sergio Batalha)*. HDsrl. 2016. (7 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u9cOHSVPnTU>>. Acesso em 12 nov. 2017.

*ATOR é preso durante encenação de uma peça teatral em Santos*. HDsrl. 2016. (1 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0SG9NASNMsg>>. Acesso em 12 nov. 2017.

*APOIO a Impeachment de Dilma cai de 68% para 61%, aponta pesquisa*. Correio Braziliense. 9 abr. 2016. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/04/09/internas\\_polbraeco,526561/apoio-a-impeachment-de-dilma-cai-de-68-para-61-aponta-pesquisa.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/04/09/internas_polbraeco,526561/apoio-a-impeachment-de-dilma-cai-de-68-para-61-aponta-pesquisa.shtml)>. Acesso em: 20 out. 2017.

*ÁUDIO completo entre Romero Jucá e Sérgio Machado – LAVA JATO – 23/05/2016.* HDsrl. 2016. (6 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y91-epGfFmE>>. Acesso em: 14/01/2018.

*'BOLSA Empresário' resiste a ajuste no governo Temer e deve custar R\$ 224 bi.* Folha de S. Paulo. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/10/1823160-subsidios-destinados-a-empresas-resistem-a-ajuste-no-governo-temer.shtml?cmpid=compfb>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

*'BRASIL acordou mais forte', diz Dilma sobre protestos.* Estadão. 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-acordou-mais-forte-diz-dilma-sobre-protestos,1043907>>. Acesso em: 18 out. 2017.

*CÂMARA DE DEPUTADOS.PEC 287/2016.* Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=211988>>. Acesso em 08 nov. 2017.

*CONGRESSO mantém veto presidencial sobre proposta do PSOL de auditoria da dívida. O povo.* 29 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/economia/ae/2017/08/congresso-mantem-veto-presidencial-sobre-proposta-do-psol-de-auditoria.html>>. Acesso em: 18 out. 2017.

*CONTRIBUIÇÃO de brasileiros para previdência privada aumentou 38,5% em outubro de 2016.* GloboNews. HDsrl. 2016. (2 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MFPvKdrXaNk>>. Acesso em 11 nov. 2017.

*CORTE de verba ameaça cerca de 3,6 mil bolsistas da UFRJ.* O dia. 2017. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-08-04/corte-de-verba-ameaca-cerca-de-36-mil-bolsistas-da-ufrj.html>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

*CRIVELLA CORTA R\$ 3,2 BILHÕES DO ORÇAMENTO DO RIO. SÓ DA SAÚDE, FORAM R\$ 547 MILHÕES.* Folha de S. Paulo. 2017. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/03/14/crivella-corta-32-bilhoes-do-orcamento-municipal-so-da-saude-500-milhoes/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

*DELCIDIO cita Temer em esquema ilícito na BR Distribuidora.* Estadão. 15 mar. 2016. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,delcidio-cita-temer-em-esquema-ilicito-na-br-distribuidora,10000021389>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*DONO de porto ajudou a eleger mãe de ministro.* Estadão. 5 jan. 2016. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dono-de-porto-ajudou-a-eleger-mae-de-ministro,10000006191>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*EI DILMA, vai tomar no c\*.* HDsrl. 2014. (4 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vQLexBRTcGY>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*CONTRA ESTUDANTES, juiz autoriza uso de técnica de tortura usada pela CIA.* Consultor Jurídico. 2016. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2016-nov-01/estudantes-juiz-autoriza-tecnica-tortura-usada-cia>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ENGELS, Friedrich. *Prefácio*. 1895. Em: **A luta de classes na França**. São Paulo: Boitempo, 2012.

*EVIDÊNCIA privada*. Dop13r. Disponível em: <<https://pt.dop13r.com/memes/engra%C3%A7ado/evidencia-privada-especialistas-recomendam-acumular-rs-1-milhao-a-te-os-60-anos-para-ter-uma-renda-mensal-de-rs-5-mil-nossa-como-eu-nunca-pense-nisso-antes-obrigado-glob0-news-agora-minha-vida-ta-resolvida/37990>>. Acesso em 11 nov. 2017.

*GLOBO News te dá a “solução” quando você ficar sem aposentadoria, juntar 1 milhão até os 60 anos para viver da renda disso*. Falando verdades. Disponível em: <<https://falandoverdades.com.br/globo-news-te-da-a-solucao-quando-voce-ficar-sem-aposentadoria-juntar-1-milhao-ate-os-60-anos-para-viver-da-renda-disso/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

GOHN, Maria. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

*GOVERNO arrecada R\$ 12,13 bilhões com leilão de 4 usinas hidrelétricas*. G1. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/governo-arrecada-r-1213-bilhoes-com-leilao-de-4-usinas-hidretricas.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2017.

*Homem é retirado da arquibancada acusado de "Gritar #FORA TEMER". #Olimpíadas 2016*. HDsrl. 2016a. (2 min.), son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ls\\_C4vNSrUQ](https://www.youtube.com/watch?v=ls_C4vNSrUQ)>. Acesso em: 21 out. 2017.

*LEIA a íntegra da carta enviada pelo vice Michel Temer a Dilma*. G1. 7 dez. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

*MAIORIA dos brasileiros reprovava emenda dos gastos, diz Datafolha*. Folha de S. Paulo. 13 dez. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1840825-maioria-dos-brasileiros-reprova-emenda-dos-gastos-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

*MARCELA Temer: bela, recatada e “do lar”*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Primeiro acesso: em 19 abr. 2016. Último acesso em: 21 out. 2017.

MARX, Karl. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2012a.

\_\_\_\_\_. *A luta de classes na França*. São Paulo: Boitempo, 2012b.

\_\_\_\_\_. *O Capital. Tomo I*. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

*MICHEL Temer é Vaiado na Abertura das Olimpíadas 2016 no Rio*. HDsrl. 2016a. (1 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uGbmQJ2thI4>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*MICHEL Temer é Vaiado na Abertura da Paralimpíada Rio 2016.* HDsrl. 2016b. (2 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qwyixLfJ4PU>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*MÍDIA ignora críticas à reforma da Previdência.* Política. 25 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/midia-ignora-criticas-a-reforma-da-previdencia>>. Acesso em 11 nov. 2017.

*ENTRE MINISTROS nomeados por Temer, nove envolvidos na Lava-Jato.* O Globo. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/entre-ministros-nomeados-por-temer-nove-envolvidos-na-lava-jato-19298825>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ITALIANA Enel mira negócios em energia no Brasil e quer ser consolidadora. Época. 2017. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2017/10/italiana-enel-mira-negocios-em-energia-no-brasil-e-quer-ser-consolidadora.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

NOBRE, Marcos. *Choque de democracia: Razões de revolta.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

*O PLANO Temer 14/11/2015.* HDsrl. 2013 (7 min.), son., color. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/tveja/ultima-edicao/o-plano-temer/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*OS MINISTROS de Temer com problemas na Justiça; entenda.* BBC. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36576500>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

OURIQUES, Nildo. *As jornadas de junho e a crise do sistema petucano.* Em: **O Junho Brasileiro e seus desdobramentos.** Florianópolis: Insular, 2017.

*APÓS PEC do Teto, Senado aprova reajuste de até 40% para defensores.* Folha de S. Paulo. 2016. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/mercado/2016/12/1841251-apos-pec-do-teto-senado-aprova-reajuste-de-ate-40-para-defensores.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

*POPULARIDADE de Dilma cai 27 pontos após protestos.* Folha de S. Paulo. 29 jun. 2013. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml>>. Acesso em: 18 out. 2017.

*PREVIDÊNCIA não é deficitária, diz relatório de CPI no Senado.* #Carta. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/previdencia-nao-e-deficitaria-diz-relatorio-de-cpi-no-senado>>. Acesso em 11 nov. 2017.

*PRONUNCIAMENTO do Presidente Michel Temer (Parte 1) 12/05/2016.* HDsrl. 2016 (15 min.), son., color. Disponível em: <HDsrl. 2013 (7 min.), son., color. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/tveja/ultima-edicao/o-plano-temer/>>. Acesso em: 21 out. 2017. Acesso em: 12 nov. 2017.

*PROJETO de lei prevê salário vitalício de R\$ 15 mil para vereadores do Rio.* G1. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/11/projeto-de-lei-preve-salario-vitalicio-de-r-15-mil-para-vereadores-do-rio.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

*PROPOSTA de auditoria na dívida pública prospera no Congresso.* Valor Investe. 3 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/valor-investe/casa-das-caldeiras/4657311/proposta-de-auditoria-na-divida-publica-prospera-no-congres>>. Acesso em: 18 out. 2017.

*PSOL propõe criação da CPI da Dívida Pública.* Congresso em Foco. 11 fev. 2008. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/psol-propoe-criacao-da-cpi-da-divida-publica/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

*REFORMA da Previdência chega ao Congresso nesta terça, anuncia Temer.* Folha de S. Paulo. 5 dez. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/12/1838637-reforma-da-previdencia-chega-ao-congresso-nesta-terca-anuncia-temer.shtml>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

*REFORMA da Previdência ignora 426 bilhões devidos por empresas ao INSS. #Carta.* Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/reforma-da-previdencia-ignora-426-bilhoes-devidos-por-empresas-ao-inss>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

*REFORMA trabalhista de Michel Temer foi aprovada hoje / Muita confusão e fim de nossos direitos.* HDsrl. 2016 (6 min.), son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=CKB3BWD\\_Tqw](https://www.youtube.com/watch?v=CKB3BWD_Tqw)>. Acesso em: 12 nov. 2017.>. Acesso em: 12 nov. 2017.

*RELATOR anuncia que fará mudanças em cinco pontos da reforma da Previdência.* G1. 6 abr. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/relator-anuncia-que-fara-mudancas-em-cinco-pontos-da-reforma-da-previdencia.ghtml>>. Acesso em 9 nov. 2017.

RODRÍGUEZ, Franco. *O Junho Brasileiro: as manifestações de 2013 e o surgimento de uma rebeldia hedonista sem pauta.* Em: **O Junho Brasileiro e seus desdobramentos.** Florianópolis: Insular, 2017.

*SENADO aprova PEC do Teto, que limita gastos do governo por até 20 anos.* Folha de S. Paulo. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/12/1840989-senado-aprova-pec-do-teto-que-limita-gastos-do-governo-nos-proximos-20-anos.shtml>>. Acesso em 11 nov. 2017.

*SOB PRESSÃO, Temer diz que reforma da Previdência será flexibilizada.* Folha de S. Paulo. 6 abr. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1873173-sob-pressao-temer-diz-que-reforma-da-previdencia-sera-flexibilizada.shtml>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

*A SOLUÇÃO Temer.* Istoé (Nº 2382). 29 jul. 2015. Disponível em: <[https://istoe.com.br/edicao/858\\_A+SOLUCAO+TEMER/](https://istoe.com.br/edicao/858_A+SOLUCAO+TEMER/)>. Acesso em: 21 out. 2017.

*SUMÁRIO: A saída Temer.* Exame (Nº 1110). 24 mar. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/edicoes/1110/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*TAXA real de juros no Brasil ainda está entre as mais elevadas do mundo.* 2017. Época. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2017/09/taxa-real-de-juros-no-brasil-ainda-esta-entre-mais-elevadas-do-mundo.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

TEIXEIRA, Rodrigo; PINTO, Eduardo. *A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma: dominância financeira, bloco no poder e desenvolvimento econômico*. Economia e sociedade. v. 21, p. 909-941, 2012.

*TEMER diz que constituinte específica para reforma política é “inviável”*. EBC. 25 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2013/06/temer-diz-que-constituente-especifica-para-reforma-politica-e-inviavel/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

*TEMER decide recriar Ministério da Cultura; ministro assume na terça*. 2016. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/temer-decide-recriar-ministerio-da-cultura-anuncio-deve-ser-na-terca.html>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

*TEMER recua e exclui servidores estaduais da reforma da Previdência 2017*. G1. 21 mar. 2017. Disponível em : <<https://g1.globo.com/politica/noticia/temer-exclui-servidores-estaduais-da-reforma-da-previdencia.ghtml>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

*URGENTE homem é preso por gritar Fora Temer em Jogo Olímpico*. HDsrl. 2016 (1 min.), son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_Z-yVq0plQQ](https://www.youtube.com/watch?v=_Z-yVq0plQQ)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

*Vídeo: Senador tenta agredir repórter 'Vai PQTP'. Relembre quem é Aloysio Nunes, novo chanceler*. HDsrl. 2016 (2 min.), son., color. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=KWB2\\_7BsmQQ](https://www.youtube.com/watch?v=KWB2_7BsmQQ)>. Acesso em: 12 nov. 2017.